



## Grupo quer escapar do dirigismo

Ingrid Rocha

A partir dos resultados das últimas votações ocorridas na Câmara dos Deputados nos últimos dois dias é possível identificar o surgimento espontâneo de um movimento independente, ainda embrionário, que tem em comum a tendência natural de aproximadamente uma centena de constituintes em se aglutinar para fugir às orientações das cúpulas partidárias.

Os números retirados do plenário da Câmara nas últimas 48 horas demonstram que o grupo veio para ficar: 131 votos da bancada do PMDB em favor da Constituinte exclusiva; 155 ao candidato dissidente à presidência da Câmara, deputado Fernando Lyra; 69 à anticandidatura do deputado Lysâneas Maciel à presidência da Assembleia; e 126 favoráveis a exclusão dos senadores eleitos em 82 dos trabalhos constituintes.

### Quebra de unidade

O deputado Luis Carlos Sigmaringa (PMDB-DF) é um dos constituintes que considera a disciplina partidária uma questão menor no arcabouço da Constituinte. E prevê: "Será impossível manter a unidade partidária durante a Assembleia". Ele acha que durante a elaboração da nova Carta Constitucional os parlamentares devem pautar suas condutas de acordo com suas idéias e princípios e não pelas determinações da direção dos partidos.

As reações em bloco contrárias aos arranjos e decisões das lideranças partidárias são analisadas por muitos parlamentares como uma tendência natural e não como movimento rebelde inconsequente. O deputado Hélio Duque (PMDB-PR) atesta que grande parte dos constituintes pretende fazer a nova Carta não sobre o teto do Congresso Nacional, mas, sim, consultando as suas bases.

Ele considera, então, natural a reação às medidas impositivas "dos pratos feitos", que caracterizam sobretudo o PMDB: "Esta bancada nova que aí está sabe muito bem que o partido vai avançar na base da pressão e não da ação dos áulicos", assevera. Hélio Duque acha ainda que, apesar do movimento ter sido espontâneo, as articulações daqui para a frente terão organicidade.

Sobre esse aspecto, o deputado Sigmaringa-Seixas desenvolve a tese de que não adianta se isolar. Se existe um sentimento comum por posições avançadas e independentes a regra então é a união de forças. O caminho para a quebra do monopólio seriam as alianças: "Devem ser amplas, aí incluídas as forças moderadas, mas que tenham sensibilidades social"

Ele considera, então, natural a reação às medidas impositivas "dos pratos feitos", que caracterizam sobretudo o PMDB: "Esta bancada nova que aí está sabe muito bem que o partido vai avançar na base da pressão e não da ação dos áulicos", assevera. Hélio Duque acha ainda que, apesar do movimento ter sido espontâneo, as articulações daqui para a frente terão organicidade.

Sobre esse aspecto, o deputado Sigmaringa Seixas desenvolve a tese de que não adianta se isolar. Se existe um sentimento comum por posições avançadas e independentes a regra então é a união de forças. O caminho para a quebra do monopólio seriam as alianças: "Devem ser amplas, aí incluídas as forças moderadas, mas que tenham sensibilidades social" assinala. A tendência é pela formação de um bloco acima dos partidos e que congregue políticos de vários matizes — do centro para à esquerda.

O deputado Lysâneas Maciel (PDT-RJ) acha que os eleitos com base no poder econômico não terão espaço no grupo: "Até porque é previsível que eles estejam alinhados sempre às decisões de cúpula". Lysâneas é de opinião que não pode haver sectarismo, sob pena de não se avançar em nada: "Importa, sim, se unir em questões específicas, ultrapassando, quando necessário, acordos de direção".

O PT, em reunião de bancada, deliberou que devem ser procurados parlamentares de outros partidos em busca de aliança por pontos comuns: "Queremos congreguar, sem pretensão de hegemonia", sustenta o deputado Plínio Arruda Sampaio (SP). Ele interpreta os números dos últimos dias como um sintoma de reformulação total nos métodos de funcionamento da Casa. "A correlação de forças será afetada, sobretudo a nível dos partidos".

O PCB também está interessado na força de uma aliança suprapartidária: O deputado Augusto Carvalho (DF) acredita que a única forma de não se ser traído pela "maré de conservadorismo" que do nada a Constituinte é atuar em bloco. O núcleo seria a partir das forças progressistas e poderia se alterar à medida que interesses comuns estiverem em jogo: "Podemos buscar apoio no PDS para pontos específicos. O que importa é ter contingente quando decisões de cúpula forem contrárias aos interesses que estamos aqui para defender".